

Ouço barquinhos. São os primeiros do dia seguinte. Quase seis da manhã. Saiu um que vai da Lagoa, via Canto dos Araçás, até a Costa de dentro; na volta, imagino, margeará os casebres da barra e alguns passageiros irão saltar no Santuário da Imaculada — que Deus os proteja. Uma vez que as almas estão à venda e alguém (que não sou eu) deve estar lucrando uma boa grana com isso tudo. A realidade já não dá conta do recado. Às vezes troco de vício para conter as expectativas do meu teatrinho diário, à espera do fim. Queria me destruir mais rápido. Mas não dá. O que consigo é me curar de um vício no outro. Ora me arranjo com a santidade, ora vou pros destilados, vodca, conhaque, gim. A vodca, penso, tem mais a ver com meu espírito russo e me torna mais seguro na ensimesmação, eu destruo as coisas ao meu redor — sob o ponto de vista da navalha — às cutiladas e na horizontal; sacrifico auras, garçons sacanas e as mulheres que não quiseram dar pra mim. Um destino, aliás, diferente do afogamento provocado pela cerveja, isto é, a vodca mata pela lâmina, divide almas em nacos prateados e molda o rancor em cristais de esmeralda. É quase uma intervenção cirúrgico-sensual feita por uma serpente que desliza dentro de um aquário, presa mas viva — além disso, é a única bebida que impõe um ritmo melífluo à morte, me corrige.

*Bangalô*, Marcelo Mirisola